

Crise de água ameaça satélites

ANTONIO CARLOS SILVA

O crescimento desordenado das satélites, aliado à caduquice da rede distribuidora e à falta de investimentos e novas obras no setor, vem demonstrando que Brasília tem seu lado peculiar quando ao abastecimento de água: não há falta d'água clássica e sim a ausência de empreendimentos que vai desde a captação, estação de tratamento e o fornecimento às residências. Problemas crônicos em redes que já duram cerca de 20 anos mostram que o sistema está obsoleto.

Em Sobradinho, a distribuição de água, principalmente pela falta de vazão, tem provocado dissabores aos inquilinos das quadras ímpares. De tabela, a situação atinge também Planaltina. Porém, o mais grave é constatado em Brazlândia onde, segundo palavras do diretor de Operações da Caesb, Antônio de Pádua Lourdes Pereira, "tem muita aguinha e não tem muita água". O racionamento d'água faz parte do cotidiano dos moradores desta satélite, cujo produto chega às torneiras às 7h da manhã e às 10h só há chiados na tubulação.

Setores específicos em Ceilândia, como "O" e "P", também sofrem com a falta d'água. O desenfreado assentamento de Samambaia tem provocado desperdícios. Troneiras são roubadas com frequência dos chafarizes, por assentados, e a água jorra em abundância. A Caesb já estuda o bloqueio no fornecimento, que poderá ocorrer entre 21h e 5h. Estuda-se também a "importação" de um sistema muito utilizado no Piauí: instalação de torneiras de pressão que só funcionariam no simples ato de empurrá-las contra a parede.

Reclamações contra a Caesb não falta. O difícil, no entanto, é conseguir informações quanto ao número de reclamantes e em que áreas específicas a quantidade é maior. Na quinta-feira a reportagem do **CORREIO BRASILIENSE** permaneceu quatro horas tentando levantar a situação dos quixosos, em vão. As telefonistas do 195, telefone de reclamação da Caesb a serviço da população, são proibidas até de dizer o nome. "Por favor, entre em contato com a Secretária de Comunicação Social. Só ela tem poderes para dar esta informação", dizia uma telefonista. Na SCS foi impossível obter detalhes. No gabinete da presidência, a secretária, que não quis se identificar, explicou que "o doutor Ulisses (Assad) está viajando e só retorna na segunda-feira". A semana na Caesb terminou na quinta-feira.

Durante a semana a companhia foi brindada com a aprovação, pelo Senado, do empréstimo de 200 milhões de dólares junto ao Banco Interamericano de Desenvolvimento (BID), Seplan e Caixa Econômica Federal. Esses recursos serão aplicados em várias obras e na duplicação do Sistema.

Sobradinho se prejudica com rede obsoleta

"A rede está esclerosada internamente, reduzindo a vazão principalmente na estiagem quando aumenta o consumo de água. Isso prejudica as quadras ímpares", afirma o diretor de Operações da Caesb, Antônio de Pádua Loures Pereira, numa referência à situação em Sobradinho. "O nível de água nos reservatórios é bom. O que ocorre é problema de distribuição da água em decorrência da velhice da rede", arremata.

Em Sobradinho (satélite com 70 mil habitantes), há cinco reservatórios de água que são abastecidos pelas córregos Contagem/Paranoazinho e Corguinho. A boa notícia chegou aos moradores dia 19 de agosto, com a entrada em operação do Mestre D'Armas, possibilitando o desvio das águas do Corguinho para a satélite. "É que as águas de Corguinho eram utilizadas para abastecer Sobradinho e Planaltina. Agora, elas só atendem Sobradinho", explicou Antônio de Pádua, garantindo que Mestre D'Armas atende agora somente Planaltina.

Para concretizar este empreendimento foram gastos cerca de NCz\$ 4 milhões em todo o sistema: captação, elevatória de água bruta, estação de tratamento, elevatória de água tratada. "Há três semanas faltou água seguidamente das 19h às 6h", reclama Toshio Kuno, comerciante da Avícola Progresso, na Q-13, conjunto 16, loja 1/3. José Carneiro da Silva, dono de uma lanchonete na Q-7, conjunto 12, loja 1, fala a mesma coisa. De 10 em 10 dias falta água aqui. Sempre das 18 às 21h.

Outra reclamação é disparada por João Evangelista, gerente do Supermercado Progresso. "A água diminui e não dá para encher as caixas d'água devido à pouca pressão", conta. Para solucionar o problema no sistema de distribuição de água a Caesb já tem pronto um projeto que objetiva a troca de toda a rede. "Nos pontos onde a rede estiver estrangulada devido ao tempo de uso vamos trocar tudo", diz Antônio de Pádua.

Capacidade atual

LOCAL DE ATENDIMENTO	RESERVATÓRIO E CAPACIDADE
Brasília e áreas adjacentes	8/160.500m3
Taguatinga, Núcleo e Ceilândia	6/81.000m3
Sobradinho	5/9.000m3
Planaltina	2/5.000m3
Brazlândia	2/3.110m3

F. GUALBERTO



Com o assentamento desenfreado vieram os desperdícios de água e o consequente racionamento em Samambaia

População de Brazlândia já se habituou com o "banho de gato"

A situação mais dramática é em Brazlândia. Conforme relato de Rosa José Ribeiro, assessora do Centro de Desenvolvimento Social (CDS) 250 crianças de zero a 6 anos ficam prejudicadas com a falta de água que ocorre sistematicamente. Na quarta-feira faltou água na creche que o centro mantém "e não tinha como dar banho nas crianças e nem lavar louças". Mesmo com uma caixa-d'água de reserva com 500 litros o abastecimento não consegue acompanhar o consumo. "Todo ano neste período de estiagem falta água na creche", lamenta.

Mas não é só a creche que sofre os percalços pela falta d'água. Na unidade do Cebem, que também funciona no CDS, com 300 menores de 7 a 14 anos, durante a semana as louças são lavadas numa bica localizada logo na entrada do centro. "Banho? Só banho de gato", sintetiza a assessora. Ela garante que após a estiagem o fornecimento de água volta ao normal.

"MUITA AGUINHA..."

O problema de Brazlândia é avaliado de forma simplista por Antônio de Pádua. "Lá tem muita água", argumenta ele, incorrendo num paradoxo. Ele afirma que, até o final do mês a Caesb concluirá a perfuração de dois poços artesianos com capacidade de fluxo de 23 litros por segundo cada um. "Com a interligação dos poços na rede de captação do córrego Capão da

Onça haverá normalização no fornecimento de água", diz. Porém, ele antecipa que poderá haver problemas localizados no fornecimento: "Um ou outro setor poderá apresentar falta. Mas nos reservatórios haverá água".

Outro setor que vem penando com a falta d'água é a Vila São José, onde moram seis mil pessoas (são 1.072 lotes). Lá, às vezes nem banho de gato ou pano molhado resolve. Com isto, alunos da Escola Classe e do Centro de Ensino sofrem com o problema. A olaria comunitária está desativada. Quem afirma é Maria Antônia

F. GUALBERTO



Maria Antônia: olaria desativada

Barbosa, presidente da Associação Comunitária Mãos ao Barro, da Vila São José.

"Água na vila só das 7h às 10h. Na cidade o fornecimento é das 6h às 13h e depois só volta ao normal após as 17h", reclama Maria Antônia. Ela conta que o Centro de Ensino (uma escola construída com latas) tem que dispensar os alunos porque as crianças ficam sem água. "Falta respeito aos moradores de Brazlândia", critica.

O presidente da Associação dos Inquilinos (Assibra), Joaquim Jorge Pereira dos Reis, entidade que congrega 3.262 moradores (Brazlândia tem 35 mil habitantes), compartilha com as colocações de Maria Antônia e acrescenta: "Não podemos nem lavar carros usando as torneiras domiciliares". A alternativa para ele seria aumentar o sistema de captação do córrego Capão da Onça. "O bravo mesmo do racionamento é das 13h às 17h", observa.

Alice Belarmino que se autodenomina prefeita da vila, diz que toma um banho por dia "quando tem água". "A água chega às 7h e acaba às 9h45", assegura a representante do conjunto E, da Q-37. Ela garante que há dias não tem água nem para fazer almoço. A localização geográfica da vila, que fica num local alto, em relação ao nível do mar, impossibilita o bombeamento da caixa.

Caesb pede dólar para evitar a crise

Durante a semana o Senado aprovou o pedido de empréstimo de 200 milhões de dólares feito pela Caesb ao Banco Interamericano de Desenvolvimento (BID), Seplan e Caixa Econômica Federal. O contrato deverá ser assinado este mês, em Washington, durante a viagem que o governador Joaquim Roriz e o presidente da companhia farão aos EUA. Parte deste recurso será aplicada na duplicação do Rio Descoberto que, depois de pronto, distribuirá seis mil litros por segundo contra os atuais dois mil e 700 litros.

"É o projeto de abastecimento do ano 2000", sustenta Antônio de Pádua. Na carona desses recursos entram obras como ampliação da capacidade de reserva de água tratada, implantação de 300 quilômetros de redes e 40 mil e cem ligações prediais, na Ceilândia, Taguatinga e Samambaia. Nesta cauda entram também obras de 320 quilômetros de redes na bacia do Paranoá e oito mil 270 ligações prediais de esgotos, principalmente nas quadras de Lago Sul e Norte.

Enquanto os dólares não chegam, moradores de Ceilândia, nos setores "O" e "P", não encontram paliativos para a falta d'água. "O problema de Ceilândia é sério", admite o diretor de Operações da Caesb. "É problema do sistema de distribuição que não abastece. Será necessário um reforço no sistema para eliminar de vez o problema", analisa.

A curto prazo não há uma saída para os moradores destes locais a não ser se sacrificarem. A longo prazo, algo perto de dois anos, a situação se controlará. A culpa por este transtorno tem diagnóstico certo, na visão da Caesb: aumentou o consumo dos setores "O" e "P" devido ao crescimento demográfico da satélite. "É o problema mais crônico de Ceilândia", avalia Antônio de Pádua, que só vê solução num prazo de 24 meses.

O DRAMA

"Desde 1978 falta água aqui. Acaba às 14h e só volta às 2h da manhã", diz Ilário Trischer dos Santos, músico, residente na QNP 17, conjunto L, casa 10. "Quando chove falta água. Na seca, também falta água", lamenta. Ana Júlia Barbosa, casada, dois filhos, dona de uma loja de armarinhos na QNP 19, conjunto A, casa 10, também reclama. "De manhã falta água. Mas o pior é à tarde. Sempre acaba às 14h e tem vezes que volta rápido. Outras demora muito". Ela não tem caixa d'água em casa.

Na oficina de Auto Peças Ribamar, falta água de manhã, tarde e noite. Segundo o proprietário, José Ribamar do Nascimento, tem semana que falta água três vezes. Ele

diz que, quando reclama, a Caesb alega que está limpando ou executando obras nos reservatórios. E desabafa: "O governo só quer e pensa em cobrar".

Lavar copos em baldes improvisados com água. Este é o drama de José Silva Ribeiro, proprietário da lanchonete Show Riso, na QNO — 1/3, bloco C, loja 1. "A água acaba de manhã no final de semana e só retorna às 22h", relata. Na terça-feira passada das 12h às 17h não havia água nas torneiras do bar. "Durante o mês passado todo final de semana faltou água", recorda, lamentando a dificuldade para cuidar da higiene do local.

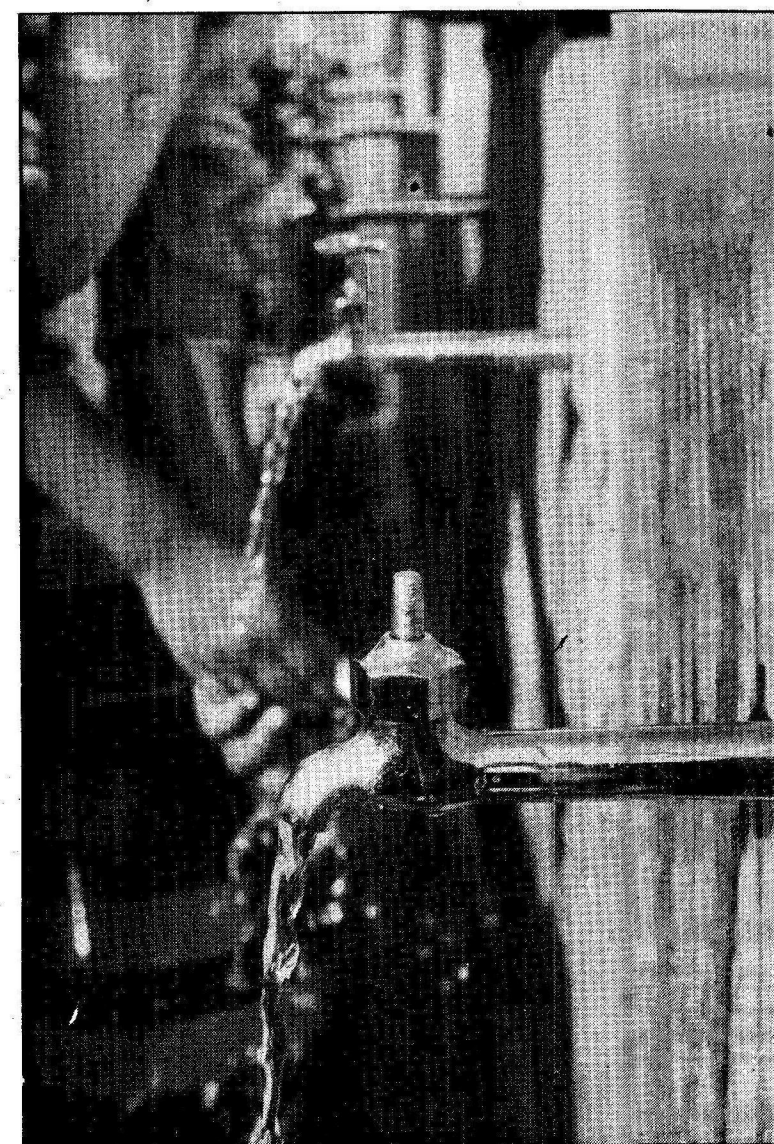
SAMAMBAIA

O assentamento de Samambaia tem sido uma enorme pedra no sapato do GDF. Não bastassem os problemas da falta de infraestrutura que os assentados enfrentam no local, como energia elétrica, galerias, asfalto, área comercial, pos-

to de saúde e delegacia, agora surge o desperdício de água. "Colocamos torneiras nos chafarizes e a comunidade rouba, provocando o jorramento abundante de água", constata Antônio de Pádua.

Ele avalia que a velocidade da água que fica jorrando ininterruptamente é maior que o roubo das torneiras. A Caesb constata também que há tentativas de desvios da água através da destruição dos canos instalados no subsolo. Para eliminar este problema de desperdício, onde a comunidade assentada tem culpa em cartório, a companhia está estudando a possibilidade de efetuar um racionamento em Samambaia.

Os estudos, na fase preliminar, direcionam para o fechamento do registro à noite. Outra medida que deverá ser anunciada refere-se à construção de mais um reservatório com capacidade para dez milhões de litros.



O roubo de torneiras é uma prática comum no chafariz de Samambaia